## Apêndice 03 - Priorização das trilhas para manejo

Para a priorização das áreas a serem manejadas no Plano de Ação, foi elaborada uma matriz de priorização que considera a pontuação atribuída à demanda de visitação, com base nas classes de oportunidades de uso e na classificação das trilhas, além dos impactos evidentes em cada local, sendo uma adaptação da metodologia proposta por ICMBio (2011) e FEMERJ (2012).

As áreas classificadas como de uso intenso e uso moderado terão prioridade (maior pontuação) em relação às de uso baixo e uso esporádico (Tabela 01). Da mesma forma, as trilhas populares e semipopulares serão priorizadas (maior pontuação) em relação às trilhas tradicionais, remotas e indistintas (Tabela 02).

Os impactos evidentes, definidos como aqueles mais perceptíveis, visíveis e conhecidos, também são priorizados e multiplicados por 2 na matriz de priorização das trilhas. A análise desses impactos será realizada de acordo com a metodologia proposta pelo ICMBio (2011) (Tabela 03).

**TABELA 01**. Pontuação para priorização considerando as classes de oportunidades de uso.

| Classes de Oportunidades de Uso | Pontuação |
|---|---|
| Classe I - Áreas de uso intenso | 4 |
| Classe II - Áreas de uso moderado | 3 |
| Classe III - Áreas de uso baixo | 2 |
| Classe IV - Áreas de uso esporádico | 1 |

**TABELA 02**. Pontuação para priorização considerando a classificação das trilhas.

| Classificação das trilhas | Pontuação |
|---|---|
| Trilhas populares | 4 |
| Trilhas semipopulares | 3 |
| Trilhas tradicionais | 2 |
| Trilhas remotas | 1 |
| Trilhas indistintas | 0 |

**TABELA 03**. Pontuação para priorização considerando os impactos evidentes (baseado em ICMBIO, 2011).

| Impactos evidentes | Pontuação |
|---|---|
| Impactos visíveis, conhecidos e registrados.<br>Impactos geram queixas dos visitantes. | 3 |
| Impactos evidentes.<br>Impactos dispersos. | 2 |
| Impactos pouco evidentes<br>Baixa intensidade de impactos ou em nível inicial | 1 |
| Ainda não há evidências perceptíveis dos impactos e nem dados.<br>Não há pesquisas relacionadas a impactos | 0 |

**TABELA 04.** Matriz de priorização de manejo das trilhas do Parque Estadual Pico Paraná.

| Priorização muito alta | Priorização alta | Priorização média | Priorização baixa |
|---|---|---|---|

| Trilha (trecho) | Pontuação - Oportunidade de uso | Pontuação - Classificação da trilha | Pontuação - Impactos evidentes (x2) | Total - Priorização |
|---|---|---|---|---|
| **Setor Caratuva** | | | | |
| Base IAT - Getúlio | 3 | 3 | 3x2=6 | 12 |
| Getúlio - Caratuva | 3 | 3 | 3x2=6 | 12 |
| Getúlio - cruzo Itapiroca PP | 3 | 3 | 3x2=6 | 12 |
| Itapiroca | 3 | 3 | 2x2=4 | 10 |
| Cruzo Itapiroca PP - A1 | 3 | 3 | 3x2=6 | 12 |
| A1 - A2 | 3 | 3 | 3x2=6 | 12 |
| A2 - Pico Paraná | 3 | 3 | 3x2=6 | 12 |
| A2 - camelos | 2 | 2 | 2x2=4 | 8 |
| União | 2 | 2 | 2x2=4 | 8 |
| Ibitirati | 2 | 2 | 2x2=4 | 8 |
| **Setor Camapuã** | | | | |
| Fazenda Bolinha - Cruzo Trilhas | 3 | 3 | 2x2=4 | 10 |
| Cruzo Trilhas - Camapuã | 3 | 3 | 2x2=4 | 10 |
| Camapuã - Tucum | 3 | 3 | 3x2=6 | 12 |
| Tucum - Cerro Verde | 2 | 2 | 2x2=4 | 8 |
| Tucum - Siririca por cima | 2 | 2 | 2x2=4 | 8 |
| Siririca por baixo | 3 | 3 | 3x2=4 | 12 |
| Cruzo trilhas - Pedra Branca | 2 | 2 | 1x2=2 | 6 |
| Pedra Branca - Chácara Bolinha | 2 | 2 | 1x2=2 | 6 |
| **Setor Discoporto** | | | | |
| Trilha Discoporto - Janela da Cotia | 2 | 2 | 1x2=2 | 6 |

## Definições

### Classes de Oportunidades de Uso

De acordo com Queiroz & Bradford (2012), as classes de oportunidade de uso representam as configurações de visitação que devem ser consideradas desejáveis para a preservação dos recursos, condições sociais e de manejo adequadas para a área. Essas classes de uso refletem as diversas expectativas dos visitantes ao irem para uma área natural, que variam desde os visitantes

que procuram locais mais estruturados e com serviços até os que procuram atividades com mais isolamento e imersão na natureza. Essas expectativas refletem diretamente na experiência da visitação e devem nortear o planejamento de uso público.

Classe I - Áreas de uso intenso: correspondem às áreas mais urbanizadas, onde se encontram os atrativos mais procurados pelo "visitante lazer" e trilhas curtas que dão acesso aos atrativos próximos aos acessos principais (estradas), sede e centro de visitantes. Essa área foi intensamente modificada e estruturada para receber uma visitação massiva e um público sem educação ambiental, sendo que algumas trilhas podem estar pavimentadas. Pela frequência e qualidade da visitação, essa classe exige um esforço contínuo de monitoramento e manutenção.

Classe II - Áreas de uso moderado: possuem atrativos naturais famosos, como montanhas e cachoeiras imponentes, cavernas etc. Porém, o acesso, em geral, é feito por trilhas com um certo grau de dificuldade. A área deve estar preparada com estruturas de conservação e sinalização para receber tanto os visitantes "aventureiros" como os "especializados". Espera-se que os impactos nos recursos naturais sejam frequentes, localizados e mitigáveis, assim as ações de monitoramento e manejo devem ser constantes, principalmente na alta temporada, para verificar as condições dos recursos e qualidade da visita.

Classe III - Áreas de uso baixo: Normalmente são áreas que o visitante *"lazer" e* "aventureiro" desconhecem ou não têm interesse, muitas vezes porque o acesso é longo e complexo, como chegar a um atrativo distante como cachoeira, caverna, gruta e montanhas onde é necessário o uso de técnicas e equipamentos de escalada. O número de visitas é tão baixo que, às vezes, a trilha fecha devido ao crescimento da vegetação. Espera-se que os impactos nos recursos naturais sejam mínimos, localizados e mitigáveis, assim as ações de monitoramento e manejo podem ser espaçadas e até mesmo realizadas pelos próprios visitantes parceiros.

Classe IV - Áreas de uso esporádico: São áreas com acessos complexos e longínquos, como, por exemplo, cavernas tecnicamente difíceis. Nestes casos, as próprias condições locais servem como um "filtro natural" dos tipos e quantidades de visitantes: a restrição se impõe pelas dificuldades técnicas, pelo caráter remoto da área e pela experiência requerida do visitante (por ex: montanhistas). O número de visitas é tão baixo que, muitas vezes, não há visitas e a trilha fecha devido ao crescimento da vegetação, ou seja, praticamente não há impacto relativo ao uso.

**Classificação das Trilhas**

As trilhas são um dos mais importantes elementos de gestão de áreas naturais pois servem para estruturar a visitação, possibilitar o acesso aos atrativos e distribuir os visitantes pela unidade, além de terem o potencial para ser um atrativo em si. Um sistema de classificação de trilhas auxilia tanto no planejamento e manejo da visitação, como no próprio manejo da unidade (Queiroz & Bradford, 2012).

As trilhas podem ser classificadas em função do grau de intervenção e suas características físicas, traçado e obstáculos (ICMBio, 2020). Os tipos e intensidade de uso indicam as infraestruturas adequadas e diretrizes de manejo para cada categoria, descritas a seguir (Queiroz & Bradford, 2012; ICMBio, 2020).

Trilhas populares:

· Possuem traçado de pouca extensão, fácil visualização e de fácil acesso – podendo ser pavimentadas;

· O encontro com outros visitantes é muito frequente;

· A presença humana é claramente perceptível, com a existência de sinalização, estruturas de conservação de trilhas e construções de apoio à visitação;

· Frequentadas principalmente, mas não exclusivamente, por visitantes com pouca experiência e baixa qualificação, com o perfil do visitante "lazer";

· Impactos localizados são comuns, especialmente em áreas que permitem aglomerações;

· A infraestrutura, a fácil visualização do caminho e a ocorrência de excursões comerciais reduzem os requisitos de conhecimento e experiência prévia em áreas naturais.

Trilhas semipopulares

· Frequente encontro de visitantes;

· Experiência de isolamento é limitada, principalmente nos períodos de alta temporada;

· A presença humana é claramente perceptível, com a existência de sinalização, estruturas de conservação de trilhas e construções de apoio à visitação, como abrigos e acampamentos;

· Frequentadas por visitantes com diferentes níveis de experiência, expectativa e necessidades;

· Impactos localizados podem ser comuns especialmente em pontos de aglomerações e em locais de pernoite;

· A infraestrutura, a fácil visualização do caminho e a ocorrência de excursões comerciais reduzem os requisitos de conhecimento e experiência prévia em áreas naturais.

Trilhas tradicionais

· Acesso às áreas de uso baixo e moderado;

· Visitantes comumente encontram o isolamento, mas eventualmente podem encontrar outros grupos;

· Excursões nestas áreas requerem um moderado a alto grau de conhecimento e experiência prévia em ambientes naturais e são frequentadas basicamente por visitantes “especializados”;

· A presença humana é pouco perceptível, com trilhas pouco ou moderadamente demarcadas, em geral com pouca sinalização, com possibilidade de placas nas entradas das trilhas e sinalização direcional discreta;

· Impactos localizados são pouco frequentes, de baixa magnitude e facilmente manejáveis.

Trilhas remotas

· Trilhas, em geral, de grandes extensões e sobre terreno difícil, utilizadas para acesso às áreas remotas pouco visitadas, quase inexploradas;

· Visitantes encontram o isolamento, sendo raro encontrar outras excursões;

· Excursões nessas áreas requerem um elevado grau de conhecimento e experiência prévia em ambientes naturais (visitantes especializados);

· Os visitantes possuem um alto nível de conscientização ambiental e buscam um alto nível de desafio, aventura e dificuldade;

· A presença humana é praticamente imperceptível, com trilhas muito pouco ou não marcadas, sem sinalização, sendo possível encontrar, às vezes, discretos marcos naturais;

· A área pode não ter uma trilha definida;

· Impactos são extremamente raros ou inexistentes.

Trilhas indistintas

· Trilhas de pouca extensão, raramente chegando a 1 km, sendo utilizadas exclusivamente para o acesso a atrativos com baixa visitação, como para bases de vias de escaladas, *boulders* ou cavernas;

· Os atrativos podem estar localizados em áreas de uso intenso, moderado ou baixo;

· Visitantes comumente encontram o isolamento, mas eventualmente podem encontrar outros grupos;

· Excursões nestas áreas requerem um elevado grau de conhecimento e experiência prévia em ambientes naturais (visitantes especializados);

· Os visitantes possuem um alto nível de conscientização ambiental e buscam um alto nível de desafio, aventura e dificuldade;

· A presença humana é praticamente imperceptível, com trilhas muito pouco ou não marcadas, sem sinalização na maior parte do caminho, sendo possível encontrar discretos marcos naturais;

· A área pode não ter uma trilha definida;

· Impactos são poucos ou até inexistentes, dependendo da frequência do local.